

personagem

DEPOIS DE PASSAR PELO TRATAMENTO DE UM LINFOMA NÃO HODGKIN, A AUTORA GLORIA PEREZ ESCREVE NOVELA ABORDANDO O ASSUNTO

Final feliz na vida real

Um diagnóstico de câncer e meia novela para terminar. Quando a novelista Gloria Perez recebeu a confirmação de que estava com um tumor na tireoide, só pensava em quanto tempo de vida ainda teria. Depois de uma cirurgia de urgência e quimioterapia – e atualmente livre do linfoma –, a autora se prepara para estreitar mais uma novela e mostra que otimismo e solidariedade foram fundamentais para dar a volta por cima, vencer a doença e continuar sendo protagonista da própria vida.

“O diagnóstico me pegou inteiramente de surpresa. Sempre tive muita saúde, não costumava nem pensar em doenças. De repente, no meio da novela *Caminho das Índias*, que escrevia sozinha, num final de tarde abso-

lutamente comum, senti aquele caroço grande saltando do pescoço: era um câncer”, lembra.

Mas o susto logo foi substituído pela esperança, quando ouviu do médico que havia grande possibilidade de cura. Gloria, da geração que cresceu associando o câncer a uma condenação à morte, acabou descobrindo que o tratamento hoje em dia é bem diferente, e os efeitos da quimioterapia, muito mais suportáveis. Tanto que, mesmo durante a quimioterapia, não deixou de trabalhar. “Meu oncologista disse que parte do tratamento caberia a mim: continuar trabalhando, manter o espírito positivo e o empenho em vencer aquele obstáculo. Saí do consultório cheia de esperanças



e certa de que, se havia uma parte que dependia de mim, por menor que fosse, eu ia me dedicar a fazê-la”, conta.

O tumor de Gloria Perez foi um linfoma não Hodgkin, o mesmo que o ator Reynaldo Gianecchini está enfrentando agora e que afetou a presidente Dilma Rousseff há um ano e meio. Apesar de pouco conhecido, esse grupo de linfomas, que se subdivide em mais de 20 tipos diferentes, atingiu mais de 9 mil pessoas no Brasil em 2009, segundo o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA).

Os linfomas são tumores malignos que se originam nos gânglios, ou linfonodos, estruturas importantes do sistema imunológico. Eles se dividem em dois grupos: de Hodgkin e não Hodgkin. Quanto mais cedo é feito o diagnóstico, mais chances o paciente tem de ficar livre da doença. Cerca de 90% dos casos de linfoma respondem bem às terapias. Dependendo do estágio da doença, o tratamento pode incluir quimioterapia e radioterapia. No caso da escritora, foram seis sessões de quimioterapia com intervalos de 21 dias. “O câncer foi diagnosticado antes da metade da novela. Fiz a operação para retirada da tireoide, em abril de 2009, arranquei dois dentes que estavam infeccionados e, quando tudo voltou ao normal, comecei a quimioterapia preventiva. O processo acabou junto com a novela. Não precisei fazer radioterapia”, relata, acrescentando que, de quatro em quatro meses, faz exames de controle.

“ANJO DA GUARDA”

Gloria descobriu a solidariedade logo na antessala do consultório médico. “Há uma grande solidariedade entre as pessoas que estão ali, tentando vencer essa luta. A intimidade se faz de modo muito imediato. Elas perguntam sobre o seu caso, contam suas experiências, e tudo isso é fundamental para nos tranquilizar”, diz.

O apoio partia até mesmo de quem Gloria nunca tinha visto na vida, como um rapaz de apelido ‘Zé’ que a escritora diz ter sido seu “anjo da guarda”. O “anjo” era um paciente que havia tido câncer e para quem Gloria telefonava sempre que ficava angustiada. “Na maior paciência, ele explicava tudo e me dava dicas para evitar o enjoo, geralmente provocado pela quimioterapia, e me animava para que eu vencesse, como ele havia vencido, os dias mais complicados e não abrisse mão da novela que escrevia”, relembra.

Outra pessoa que também inspirou a novelista foi Ivonete, uma senhora que fazia tratamento na

“Confiar nos avanços da medicina e ter força para fazer a parte que cabe a cada um no tratamento, que é manter viva a vontade de vencer”

mesma época e tinha um quadro gravíssimo. “Foi um exemplo lindo de coragem e determinação de viver. Ela viveu mais do que a medicina foi capaz de explicar”, completa. Exemplos como esse deram forças para a autora lutar contra a doença e continuar a escrever as 32 páginas diárias da novela.

“Tive vontade de viver, pela minha família, pela minha cadelinha, pelos meus amigos, pela minha novela, por mim”, ressalta. Além da corrente de afeto que recebeu da família – como a mãe, que veio de Brasília, o irmão e a cunhada, que se mudaram para a casa dela, e o filho que não a deixou em momento algum –, e-mails de solidariedade de pessoas desconhecidas tiveram papel fundamental nessa fase da vida da escritora.

Fundamental também foi Gloria ter descoberto a doença bem no início. Segundo pesquisa da Associação Brasileira de Linfoma e Leucemia (Abrale), em 2010, de 1.400 portadores de linfoma entrevistados, cerca de 70% levaram mais de três meses para começar o tratamento. Outro dado relevante da pesquisa foi a desinformação: mais de 80% deles nunca tinham ouvido falar da doença até o diagnóstico.

Sempre preocupada em levantar questões sociais nas novelas que escreve, Gloria Perez vai tratar do tema câncer em seu próximo folhetim global, previsto para estreiar em outubro de 2012. “É muito importante que as pessoas tenham voz, e estar engajada em esclarecer a população sobre essas questões é importante para mim. A doença é muito grave, mas, se descoberta no começo, pode ser vencida.” Para quem ainda está passando por essa etapa na vida, a escritora deixa uma mensagem: “Confiar nos avanços da medicina e ter força para fazer a parte que cabe a cada um no tratamento, que é manter viva a vontade de vencer.” ■